



O Processo de Criação em Artes Visuais - sob a perspectiva da Psicologia Analítica

Palavras-chave: Criatividade, Teoria da Arte, Psicologia Analítica

Autores:

Helena Rybka Gouveia, IA, UNICAMP

Prof. Dr. Filipe Mattos de Salles (orientador), IA, UNICAMP

Introdução:

A presente pesquisa propõe uma análise bibliográfica de estudos sobre a criatividade artística, a partir da discussão de temas levantados por teóricos do campo das Artes, em diálogo com a teoria da psicologia analítica junguiana. Ao longo do trabalho, o estudo de autores modernos e contemporâneos sobre a criatividade artística são apresentados e discutidos, traçando um paralelo com a teoria da psicologia analítica sobre este mesmo tema.

O objetivo é estudar a hipótese segundo a qual a psicologia analítica pode trazer contribuições significativas para a compreensão do fenômeno da criatividade artística, e situá-la em relação à teoria estética vigente. A pesquisa investiga a premissa de que a teoria estética junguiana tem como característica distintiva em relação a outras teorias acadêmicas, a capacidade de abordar a criatividade artística de forma abrangente e completa. É importante salientar, portanto, o caráter experimental da pesquisa, dado que a teoria da psicologia analítica junguiana é pouco ou nada usada na teoria estética vigente, e que as tentativas de aproximação entre elas são muito pontuais e fragmentadas.

Existem múltiplas concepções sobre o processo criativo em artes, cujo enfoque se desloca entre diversas perspectivas, mas a pesquisa busca trazer teorias que partem do entendimento da criação artística como uma condição essencialmente humana, fruto de experiências, e não como uma genialidade inata de alguns raros eleitos. A partir das teorias analisadas são levantados alguns pontos a fim de desconstruir as noções que tendem a

idealizar o processo criativo como inspiração divina, loucura ou força cósmica, visando promover a dessacralização da Arte e da criatividade.

Com base na pesquisa de autores modernos e contemporâneos, busca-se, no primeiro capítulo, mapear e sistematizar a produção teórica sobre a criatividade artística. Os autores abordados, cumpriram um papel de conduzir as ideias norteadoras da análise, oferecendo uma reflexão profunda sobre a intersecção entre arte, conhecimento e experiência humana. Conforme os temas são levantados, determinados autores são trazidos para aprofundá-los, contribuindo para a apresentação de um panorama sobre a criatividade em Artes. Posteriormente, a teoria da psicologia analítica sobre o processo criativo é apresentada e situada em relação às discussões levantadas, demonstrando suas contribuições para o tema.

Metodologia:

A metodologia da pesquisa, de cunho qualitativo e analítico, foi investigar, por meio de um levantamento bibliográfico, como diversos autores entendem o processo criativo nas Artes e os aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos que influem sobre este fenômeno. Em seguida, estas concepções foram postas em paralelo à teoria da Arte da psicologia analítica, para a realização de um estudo sobre as contribuições da psicologia analítica para o entendimento do fenômeno da criatividade artística.

Resultados e discussão:

A pesquisa começa apresentando a obra da artista plástica e teórica Fayga Ostrower, cujos temas abordados servem como questões norteadoras da análise ao longo do primeiro capítulo. Em sua ampla pesquisa, Ostrower (1977) aborda a criatividade em seus aspectos cultural, social e psicológico, levando em conta suas características emocionais e intelectuais. Sua premissa é de que o processo de criação artística é, sobretudo, essencialmente humano, sendo “um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades” (OSTROWER, 1977, p. 5).

Outro autor que norteia bastante as discussões no primeiro capítulo da pesquisa é Frederico Morais (2018); que recorreu ao pensamento de estetas, filósofos, artistas, críticos e historiadores, buscando, num período de aproximadamente dois mil anos, reflexões que possibilitassem não uma definição, mas um melhor conhecimento daquilo que se chama Arte. A partir da análise de sua produção, é possível perceber como diferentes contextos históricos e sociais da humanidade produzem diferentes concepções sobre a Arte e seu processo

criativo. A escolha da pluralidade de posições não visa o fechamento da questão, muito pelo contrário, Moraes (2018) percebe a impossibilidade de definir e aponta o caminho múltiplo da reflexão, procurando, sinalizar a possibilidade de que todas as contradições cabem na Arte.

A partir destas teorias, é demonstrado, no primeiro capítulo da pesquisa, que existe um número imenso de opiniões sobre do processo criativo em Arte, o que torna, muitas vezes, difícil relacioná-los, até porque cada autor tende a se deter em um problema em particular. Como resultado, não temos sistemas completos que consigam unificar explicações conclusivas sobre o tema. No entanto, no segundo capítulo é introduzido o processo criativo sob a perspectiva da psicologia analítica junguiana, partindo da hipótese de que ela não representa apenas mais uma linha teórica a respeito do assunto, mas exatamente o elemento unificador que nos faltava.

Para apresentar a teoria da psicologia analítica, iniciamos trazendo a pesquisa de Filipe Mattos de Salles, um dos precursores na tentativa de aproximação da concepção de arte da psicologia analítica com as concepções vigentes na academia. De acordo com Salles (2020), as contribuições da psicologia analítica abrem mais possibilidades do que a análise psicológica como fim, interferindo na própria origem e significado da Arte na humanidade. No entanto, Jung ressalta que “quando falamos da relação entre psicologia e arte, estaremos tratando apenas daquele aspecto da arte que pode ser submetido à pesquisa psicológica sem violar a sua natureza” (1970, p. 42), tendo que se limitar, portanto, ao processo de criação e apreciação sem atingir a essência da Arte em si.

Para Salles (2020), a arte como produto genuinamente humano, produzido e compartilhado apenas na nossa espécie, tem por trás uma característica humana essencial: o prazer estético, buscado ao se produzir e consumir o que chamamos de Arte. Ao indagar quais características nos diferem de outras espécies, permitindo-nos sentir o prazer estético, Salles conclui por inferência lógica que seria a nossa psique, por esta razão a psicologia junguiana pode contribuir para as discussões e explicações a seu respeito.

O ponto-chave do trabalho de Salles é compreender a Arte, não a partir do objeto-arte, mas do indivíduo criador-apreciador, sugerindo que sempre que falamos de Arte estamos falando de uma experiência estética, que só é possível pela relação emocional estabelecida pelo sujeito com o objeto artístico. Portanto, Salles conclui, com base na psicologia junguiana, que a Arte é sobretudo uma manifestação sensível, sendo incompleto tentar entendê-la de maneira mecânica, a partir do objeto, pois sua essência está na psique humana.

Segundo o raciocínio, a Arte seria a mediação sensível entre o criador ou espectador e um objeto estético que representa e materializa um ideal arquetípico.

A teoria junguiana indica que a Arte é um meio indispensável para a conciliação do indivíduo com a ideia de Todo, por expressar a capacidade humana ilimitada para circular vivências e saberes. Sendo assim, a necessidade humana de criação e consumo de objetos de caráter puramente estéticos, é estimulada pela busca, ainda que inconsciente, por um sentimento que transcende o limite do espaço-tempo e consciência que vivemos, por meio da materialização de arquétipos em objetos artísticos.

Assim, temos que o processo criativo consiste em transcrever uma imagem primordial para uma linguagem atual por meio do artista, que encontrar no inconsciente coletivo uma imagem que compensa aquilo que o espírito da época necessita. De acordo com Jung (1970), o segredo da criação artística está na capacidade de reimmergir em uma condição originária, onde não é o indivíduo que vibra com suas vivências, mas toda a humanidade, e esta seria justamente a função social da Arte.

No terceiro, e último, capítulo da pesquisa, é realizado um balanço teórico entre os pontos levantados. A pesquisa identificou um embate metodológico entre a teoria acadêmica, cujos métodos são pensados nos limites de tempo e espaço, e a teoria junguiana, que transcende essas demarcações, não sendo passível de comprovação científica, até o momento. Além da diferença metodológica e conceitual, também foi possível identificar diferentes objetivos entre as teorias apresentadas. Os autores analisados no primeiro capítulo não se propõe a chegar em uma conclusão definitiva sobre o que é Arte e como funciona seu processo criativo. Ademais, cada autor se atenta a um problema, como resultado não temos um sistema unificado e de consenso científico sobre a Arte. Por sua vez, a psicologia analítica junguiana fornece uma explicação unificada para o fenômeno da criatividade artística.

Considerações Finais:

Concluimos ao longo da pesquisa que o tema abordado é de alta complexidade teórica e sem resoluções fáceis e consensuais dentro da academia, o que abre margem para muita discussão. Contudo, dado os argumentos apresentados, considera-se que, apesar de haver múltiplas significações e acepções para o fenômeno da criatividade artística, se partirmos de seu caráter intrinsecamente humano, a psicologia analítica junguiana pode contribuir para

elucidá-lo a partir de processos psíquicos, de modo a justificar por que criamos arte desde os tempos remotos.

Referências Bibliográficas:

ALENCAR, Eunice Soriano de. FLITCH, Denise de Souza. **Criatividade: Múltiplas perspectivas**. 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rio de Janeiro. In: **Revista Brasileira de Educação**, 2002

JUNG. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Natal: Editora Walter, 1970.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. 15 ed. São Paulo: IBRASA Editora, 2003.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos de arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

OSTROWER, Fayga. **A Sensibilidade do Intelecto**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

SALLES, Filipe Mattos de. Sobre a necessidade da arte: uma abordagem Junguiana. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 430-447, 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13070>.

SALLES, Filipe Mattos de. O processo criativo da Arte - uma abordagem junguiana. Aceito para o WCCA - XI World Congress on Communication and Arts, 2019. Salvador: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2019. Apresentado, mas não publicado.

ZAMBONI, Sylvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre Arte e Ciência**. 2 ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001.